

## ***Inovação Tecnológica, Gênero e Arte: indagações frente a uma intersecção possível***

*Berenice Sica Lamas*

O mundo cenário tempo em que vivemos mostra turbulência, incerteza, contradições agudas de desenvolvimento e progresso com miséria e carências básicas, desigualdades, exclusões sociais, crise, estresse como desequilíbrio individual e social generalizado, riscos, oportunidades e extrema dinamicidade. Busca de qualidade de vida e de trabalho realizador e compensador, a mudança abrangente radical e constante e a conseqüente obsolescência é a marca de nosso tempo. As revoluções no campo tecnológico são marcantes e muito próximas umas das outras: novas tecnologias administrativas e de liderança, planejamento organizacional estratégico, física quântica, engenharia genética, biotecnologia, microeletrônica, programações do comportamento humano, altas tecnologias de computação e automação, televisão interativa, novas formas de mídia, informação e comunicação de massa, ecologia humana, avanços tecnológicos trazem modificações essenciais na valorização do homem e da mulher, aliando-se a mudanças no campo do conhecimento, econômico, político, social, ecológico, psicológico e desmantelando constantemente a produção de conhecimento.

No imaginário da humanidade, o saber mítico imprime uma conotação instigante e misteriosa. O final do século XX é marcado pelo signo do retorno de Hermes, o deus da revelação, senhor do pensamento, do sentido e processo de individuação. Hermes volta trazendo integração e mediação, colocando-se no ponto de convergência dos nexos para apreciar o valor real das coisas, o nexo de significação e sentido entre as coisas (Verjat, 1989). Hermes, criança prodígio, inventor da lira, do cajado, da escrita e do alfabeto, criador das ciências, da astronomia, da escala musical, das artes do pugilato e da ginástica, dos pesos e medidas, do cultivo das azeitonas. Considerado veloz mensageiro dos deuses com suas sandálias aladas, deus da comunicação, do comércio e trocas, correspondente ao Mercúrio romano e Thot egípcio.

Dos deuses do Olimpo grego, o mito que melhor se enquadra para ilustrar nosso artigo é, portanto, o de Hermes, que sugere o guia, o iniciador, o construtor de conhecimento, civilizador, inventor, significados pertinentes às inovações tecnológicas e progressos técnicos de hoje. Hermes representa no espaço e no mundo humano o movimento, a passagem, a mudança de estado, as transições, os contatos entre elementos estrangeiros.

Uma nova visão do ser humano emerge: pessoas atualizadas, inteiras, não-encapsuladas, participativas, su-

jeitos de seu próprio destino, mulheres conquistando planos de vida pública.

De acordo com Kuhn (1990), os paradigmas indicam toda a constelação de crenças, valores, técnicas, modelos, padrões, pontos de vista, partilhados pelos membros de uma determinada comunidade. E são rompidos veloz e invisivelmente, num caminho que pode ser irreversível. Para alguns pensadores e filósofos de nosso tempo, já se perdeu o rumo dos acontecimentos, visto a fragilidade do controle que a humanidade possui sobre os empreendimentos científicos e tecnológicos. Capra (1993) também demonstra que são urgentes novos paradigmas, novas perspectivas ecológicas e visões de realidade, mudando fundamentalmente percepções, valores e pensamentos. A deterioração do ambiente natural e o real avanço à integridade do planeta é uma realidade.

Tal como os artistas, os cientistas criadores precisam, em determinadas ocasiões, ser capaz de viver em um mundo desordenado, uma espécie de "tensão essencial" implícita na pesquisa científica (Kuhn, 1990). Se esta inquietação estiver a favor de mudanças construtivas, saudáveis e, principalmente, compartilhadas por toda a sociedade, estaremos no caminho de inovações tecnológicas a serviço do valor maior humano.

Dentre os novos paradigmas da educação temos a inovação tecnológica que produz conhecimento através dos meios disponíveis como informática, Internet, TV a cabo, recursos audiovisuais, novas indústrias culturais, microeletrônica, visando ao sujeito, senão perderia o sentido humano e se reduziria ao adestramento ou ao treinamento técnico-operacional.

A educação tecnológica instrumenta o educando e o educador para que sirvam ao sistema, porém o importante é que sejam sujeitos do processo.

As mudanças não se realizam apenas no plano das estruturas, equipamentos e materiais, mas principalmente ocorrem por um processo educativo e transformador das pessoas.

Educação é conscientização e, se o ensino tecnológico não estiver a serviço da administração do conflito e do diálogo, não cumprirá sua função dialética de transformação e ação libertadora. O paradigma da qualidade total atinge de frente o processo educativo e impõe a exclusão social se a tecnologia não estiver ao alcance de todos, numa cultura do povo para o povo. (Fiori, 1991)

Devemos estar alertas para que o paradigma tecnológico não produza somente conhecimento através dos mei-

os e não permita que o sujeito se construa através de uma socialização personalizante.

A educação tecnológica, se não fizer a intermediação humanizadora do mundo e contribuir para um movimento crescente da historicidade do sujeito como parte da humanidade dele e não mero pertence desta história, estará traindo sua concepção e se esquivando de criar um espaço para acontecer a intersubjetividade da consciência.

Deve ser evitada a dicotomia entre a formação técnico-científica e a formação do ser humano pleno, cidadãos e cidadãos conscientes e competentes para exercer direitos e deveres e participar do projeto nacional. O educador deve atentar para as questões da tecnologia de seu tempo sem descuidar a formação da curiosidade, da indagação, e de provocar a necessidade do espírito curioso. A produção do conhecimento tem no impulso da curiosidade sua característica vital: não matar o sonho, a dúvida, a pergunta, o desejo, a emoção.

Cabe à mulher, quem sabe, imprimir uma nova ótica de encarar os problemas de final do século. Cabe a ela, talvez, testemunhar uma busca ética da verdade por trás da tecnologia, a criticidade do modelo tradicional autoritário. Quem sabe, para uma categoria que foi analfabeta com a palavra escrita e a linguagem até o século XVII, não caberia agora uma nova ordem, o papel de "alfabetizadoras" da competência de sentir, imaginar, sonhar, fantasiar, amar, ouvir, problematizar, perguntar, transformar, substituir modelos antidialógicos por modelos socializantes, de crescimento de todos, ao lado dos avanços tecnológicos?

As descobertas tecnológicas ocorrem velozmente gerando ambientes altamente competitivos na área da educação, da indústria, dos serviços, do comércio estimulando o espírito empreendedor e desafiando as organizações.

Os anos 90 estão sendo emoldurados por este impulso econômico que pauta as mudanças nas áreas técnica, econômica, institucional e social no país. A geração e absorção de tecnologia, que não está em balcão de ofertas, é imprescindível na educação de futuros cidadãos. Paradoxalmente, o futuro pertence a quem participar da capacitação tecnológica sem descuidar o humano integral.

Como diz Morita (1986), o fundador da Sony, a tecnologia pode estar diretamente ligada à sobrevivência no seu nível mais elementar, pois ela não significa só as maravilhas que fazem a nossa vida tão confortável nos dias de hoje, a gerência tecnológica será a chave do sucesso para as empresas nos próximos anos e serão necessárias muitas idéias novas. Ele também toma decisões viscerais, através do conhecimento intuitivo e holístico, não cognitivo.

O desenvolvimento de novas tecnologias transformou a natureza da interação social, e a difusão de formas simbólicas através dos meios eletrônicos se tornou um modo de transmissão cultural comum: uma cultura eletronicamente mediada, em que modelos de transmissão orais e escritos foram substituídos por meios eletrônicos — a revolução tecnológica na era dos meios de comunicação de massa.

Os principais meios de comunicação são rádio, jor-

nais, televisão, telefonia, brochuras, revistas, livros, teatro, discos, CDs, publicidade ("out-doors", vinhetas, etc.), cinema/filmes/documentários, cada qual com novas tecnologias, evoluções e revoluções que impactam o cotidiano da vida social.

A mudança tecnológica é fundamental na progressão histórica da cultura: altera os meios de produção e recepção, o próprio processo da transmissão cultural, conforme Thompson (1995).

As novas tecnologias no âmbito das telecomunicações e processamento da informação modificaram impressão de jornais, reprodução de músicas em fitas e discos compactos, sistemas computadorizados de acesso à informação, difusão de programas de televisão por satélite, uso doméstico de gravador videocassete, telefones celulares, sistemas a cabo para TV, desenvolvimento da difusão direta por satélite, ou seja, modificaram fundamentalmente a transmissão cultural; e continuando a ser um mundo bastante masculino. Algumas revistas ditas femininas e certos programas de TV voltados à mulher continuam com a reprodução dos interesses do mundo da domesticidade: beleza, crianças, culinária, como agradar seu homem.

Todo este desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação possibilita uma integração maior de serviços de comunicação e informação. Como a mulher está usufruindo este mundo novo que se recicla constante e velozmente? Ela também o cria, pesquisa, analisa, ou permanece "culturalmente" à margem? Como se insere? Esta transmissão é rompida com novos valores de igualdade de direito, ou os meios de comunicação reproduzem seu velho papel de subalternidade e inferioridade, relegando-a sempre ao mundo doméstico como objeto?

A cultura eletronicamente mediada traz embutida em si a tendência de fazer desaparecer os valores humanos, a sensibilidade, a comunicação face a face, a interação interpessoal e social direta.

Thompson (1995) chama de quase-interação mediada um tipo particular de interação eletronicamente mediada através do tempo e do espaço, onde as pessoas se comunicam com outros em mão-única criando amizade, afeto e lealdade.

Para inovar são precisos criatividade e talento buscando mudanças para melhor qualidade de vida. Muitas vezes, as inovações e projetos tecnológicos são obstaculizados por barreiras inesperadas e sutis advindas do humano: esquecimentos, sabotagens, resistências, indiferença, atos falhos, alienação, negação.

Não podemos cindir, de um lado a racionalidade, a lógica, a ciência tecnológica e de outro a intuição, a emocionalidade e o sentimento. Condições tecnológicas dissociadas de condições sociológicas e psicológicas somente trarão relações instrumentais, desidentificação consigo mesmo e relacionamentos mediados através de coisas. Embora pareça endeusada, a tecnologia não é a solução da modernidade: os resultados transformadores advêm de dentro das pessoas, a mudança inicia de dentro para fora. Tecnologia e equipamentos contribuem com uma parte do processo, prometendo menos esforços, mais facilidades, até mesmo ilusões. Contudo, é através do humano que se

constrói a sabedoria, emergente da reflexão, da crença em nós próprios.

Onde desembocará a revolução da informação com o contato humano diminuindo pelo avanço da comunicação por telas de computador? A nova realidade virtual expande a realidade mas não a substitui. (Moscovici, 1995)

O professor Pierre Weil (1992) alerta para o fato de que a dissociação entre ciência, arte, filosofia e tradições pode ser o maior responsável pelo caos que se verifica atualmente, contribuindo para o distanciamento entre ciência, tecnologia e ética. Seremos todos aprendizes de feiticeiros, arriscando a explodir o planeta, conforme o dito em um Colóquio sobre a Natureza do Real, realizado na França?

Os aspectos pragmáticos e imediatistas dos objetivos da tecnologia não podem ser separados dos valores éticos ecológicos, respeito à vida, preservação da própria humanidade, natureza e planeta. A tecnologia destrutiva e maléfica à saúde deve ser repensada e substituída por tecnologia construtiva e benéfica, assinala o mesmo autor. Nas organizações empresariais e educacionais iniciam-se movimentos holísticos, que cuidam de perceber a totalidade dos indivíduos e das estruturas culturais, e não apenas parte e fragmentos. Olhar ao mesmo tempo cada árvore e a floresta toda.

Em um país onde há 33 milhões de famintos e, em que no dia 25 de novembro - dia internacional de combate à violência contra a mulher - tem que se chamar a atenção para as estatísticas alarmantes das delegacias de mulheres onde se registram violências domésticas, opressões, confrontos e traumatismos contra as "rainhas-dólar", vulneráveis e silenciosas, pode parecer elitista falar na dicotomia de possuidores ou não de informação - ter ou não TV a cabo, surfar ou não na Internet, ter ou não fax, etc. (Moscovici, 1995). E as mulheres, onde se localizam? Como não possuidoras de informação e tecnologia - 80% dos usuários da Internet são homens - novamente estão excluídas do mundo tecnológico masculino. Esta realidade pode ser modificada, desconstruída?

Qual inovação tecnológica mais modificou a vida dos entrevistados nos últimos anos? Esta questão, de uma pesquisa nos Estados Unidos, trouxe os seguintes dados: microondas 63%, TV a cabo 43%, secretária eletrônica 35%, videocassete 32%, computador pessoal 29%, toca-discos laser 19%, fax 16%, telefone celular 15%. (Revista Isto É, 1995). O mundo da inovação tecnológica é masculino também. Como a mulher poderá apressar seu acesso a estes bens de consumo tecnológicos? E como seria o resultado desta pesquisa no Brasil?

Mulheres: somos metade da população mundial, e mães da outra metade. E, no entanto, minoria excluída, discriminada, oprimida na relação de submissão e inferioridade inscrita na sociedade patriarcal.

Todas as mulheres de sociedades passadas e atuais têm uma real desvantagem na vida social, pelo caráter historicamente masculino da civilização: estado, leis, moral, religião, literatura, ciência, normas e padrões, criação,

tudo origina-se essencialmente do masculino. Com esta tradição histórica, a tecnologia melhora a vida da mulher no mundo doméstico e público?

O modo crítico da mulher fazer sua leitura do mundo é uma de suas mais marcantes diferenças. "Não se nasce mulher", como disse Simone de Beauvoir, "mas torna-se mulher". A construção do gênero e de identidade social como mulher é um processo dialético cultural, sócio-histórico, tendo como base o suporte do sexo biológico. Desde seu nascimento o destino para o papel doméstico de ser mãe, dona-de-casa e esposa na esfera privada está traçado. No processo de humanização a mulher se constrói compondo, transformando lugares, espaços, momentos, situações.

A mulher detém, no entanto, a possibilidade de mudar este modelo burocrático e autoritário trazendo um novo estilo de liderança que objetiva mudança, facilita, ensina, pergunta, questiona, qualifica, valoriza a criatividade, emancipa e extrai o melhor das pessoas. Atua como modelo, transforma e ajuda a construção de pessoas-sujeito. Cria clima de confiança e autonomia. Mostra visão holística, relacionando todo e partes. Permite o lúdico e o prazer.

A mulher integra valores do ser, da afetividade, da sensação prazerosa de plenitude interior, o resgate do humano, trazendo inquietação existencial reflexiva, transformadora, criadora com a dimensão da transcendência. É preciso desassossegar as pessoas, não matar o sonho, o desejo, a utopia, o saber tecnológico termina um dia, como diz Paulo Freire. (1995).

A mulher artista enfrenta e rompe as estruturas pressupostas através de lutas e dificuldades buscando em sua trajetória a singularidade de sua biográfica evolução. A mulher artista exercita a imaginação criadora, vital em nosso tempo. Estimula nela própria e em possíveis alunos, interlocutores, a coragem, a beleza e o risco de criar.

Através da arte feminina nos confrontamos com nossos próprios projetos, prazeres, sonhos, fantasias, desejos, emoções, medos, sentimentos. O saber tecnológico não os pode esfriar ou assassinar.

Ciampa (1984) diz que identidade é verbo: "... agir, praticar, trabalhar, fazer, pensar, sentir..." e ninguém melhor do que mulheres artistas para ilustrar o conceito deste psicólogo social: pintar, esculpir, escrever, fotografar, filmar, representar, poetar, dançar, cantar, tocar, compor; é na relação dialógica com o outro, com o "não-eu" que a artista cotidianamente se constrói historicamente. A diferença deve ser valorizada na busca da igualdade de direitos, e a consciência da mulher que faz arte é dos caminhos mais valorizados e emergentes, desde o caráter transcendente do processo criativo.

Para tornar-se artista profissional a mulher necessita superar uma condição cultural adversa através da aprendizagem, trabalho e aperfeiçoamento e conquista do saber-fazer, reapropriando-se de sua condição de sujeito. As mulheres estão hoje construindo e conquistando seus projetos profissionais no mundo de processar a fabricação de uma obra de arte.

Escultoras, escritoras, pintoras, desenhistas, bailari-

nas, atrizes, cineastas, cantoras, compositoras, poetisas, fotógrafas contribuem ativamente no mundo do trabalho com suas produções artísticas, publicações, livros, exposições, fotos, quadros, esculturas, filmes (longos, curtas, documentários), espetáculos de dança, balé, peças de teatro, poesias, representações, performances.

Esta tecnologia toda adquirida em anos de estudo e aperfeiçoamento é muitas vezes repassada em situações de ensino-aprendizagem: aulas de canto, de pintura, de desenho, e em oficinas de criação literária. Mulheres artistas criando e propiciando condições de criação para outras pessoas. O relato de experiências, a tentativa de que não cometam os mesmos erros, o estímulo para os momentos de desânimo ou solidão.

A arte não nasce pronta, não se constitui uma dádiva: é construída, é produto da mão, da mente, da imaginação, do trabalho. A história da criatividade e da arte da mulher sempre foi marcada pelo desdém ou pelo rótulo de diletantismo, por carências "naturais", pelos imperativos biológicos de menstruar, gestar, parir e amamentar, que a exilaram, durante séculos, de sua capacidade de criar além do biológico. (Lamas, 1994). Nesta questão da inovação tecnológica, relações do feminino e arte, acreditamos que as intersecções são mais sutis do que aparentes, sendo necessário que se rompam crenças limitantes, velhos paradigmas e se ampliem referenciais, abrindo novas alternativas e experiências que nos permitam crescer. E para crescer, é preciso transcender os limites mentais, pois estes são empecilhos, aponta Bolen (1993). A afirmação da autora auxilia na compreensão de que novos modos de percepção de si mesmo, dos outros e da realidade e novas maneiras de agir no mundo são imprescindíveis no momento de enfrentamento de um meio altamente competitivo em constante avanço tecnológico e no qual a mulher e a arte progredem lentas.

A ruptura de paradigmas começa internamente. Temos ou não uma diferença a marcar no momento histórico? Somos o tipo de pessoa que limita ou transforma? Observa ou age?

A arte se define como ofício em seu aspecto de domínio da técnica e do saber-fazer, constituindo-se "tecnologia" buscando gozo estético, prazer, fantasia, expressão de emoção e sonho. Assegura auto-reflexão e crítica. Amplia o horizonte da subjetividade e do potencial de comunicação dos seres humanos. Através da arte, a mulher devolve ao mundo sua insatisfação e frustração em forma de cultura. Além de criar filhos, ela cria cultura, valores e símbolos.

Os elementos da subjetividade feminina constituem sua arte: alegrias, prazeres, medos, angústias, conflitos, preocupações, agonias, gratificações, visão de mundo, opressões sofridas, experiências típicas femininas.

A mulher que trabalha com arte tem tripla tarefa: a doméstica, a de trabalhadora fora do lar e a de criadora. A obra de arte se constitui em um instrumento de politização, de construção de sua cidadania, de luta pelos direitos. Todo o processo criativo é motivado pela busca do prazer. É no trabalho criado, realizando suas possibili-

dades criativas que o ser humano tem seu mais alto grau de apropriação de seu trabalho, enxergando-se a si mesmo e sua obra, na busca de uma conquista: a construção de si próprio. A mulher adquire um caráter profano, no sentido de transgressão de seu papel social pressuposto. E o suporte de tudo isto são também processos tecnológicos, o saber-fazer, o domínio das técnicas e instrumentos.

A experiência estética pode ser aprendida e transferida e a escola, outro agente socializador relevante na sociedade atual, é responsável por isto, possibilitando a revelação de habilidades artísticas, transmitindo informações para que a criança possa compreender e apreciar a arte. É tecnologia e valor repassados desde cedo.

Pela educação tradicional as mulheres apropriam-se do modelo feminino de mãe, esposa e dona de casa e sentem-se pressionadas e culpadas por não corresponderem a esta imagem cultural, difícil de ser desconstruída.

A revolução da mulher neste século passa pelos movimentos das sufragistas, ingresso no mundo do trabalho, pílula anticoncepcional, movimentos radicais feministas dos anos 60, entrada na esfera pública. O processo da construção da própria individualidade através da arte é lento devido a sua história submetida ao silêncio. A maior fluidez do processo criativo é alcançado com a maturidade e domínio técnico, estando inclusive mais segura internamente, sem medos de competição, e generosamente aceita passar para outras gerações o conhecimento, e como fazer respeitando a criação do outro e sua autonomia-sementeira para transformação de outras pessoas.

A discriminação de gênero é geralmente a principal sofrida pelos artistas, mas outras também aparecem como: terceira idade, artistas novos (desconhecidos), a representação social da própria profissão do artista como boêmio, padrão (classe) social. Preconceitos de gênero, de idade, sócio-econômico, moral dificultam o acesso da mulher ao mundo das artes.

Com sua arte abre espaços políticos, um novo poder, um questionamento, uma dissonância nos papéis postos, desvendando um novo papel de plena cidadã, consciente e participativa. A arte é um ato político, pode metamorfosear o mundo, como já dizia Raul Seixas, uma metamorfose ambulante, a maluquice combinada com a lucidez, recriando o real, levando-as à reflexão, ação, mudança. A vida cotidiana da mulher artista enriquece-se com suas atividades profissionais de criação; é libertária e revolucionária.

Uma nova emissora de rádio feminina AM em Londres, chamada VIVA, mostrou o nível de cidadania das mulheres inglesas, que participam ativamente da vida política e econômica do país. Concebida, elaborada e produzida só por mulheres, em sua pauta: política, econômica, leis, música, alegria, otimismo, visão sensível do olhar feminino. Ousar se permitir o delírio, mexer com o imaginário, a fantasia inusitada, o prazer, a beleza, o gozo e emoções estéticas, o interdito, o desejo do real e do impossível, exprimir o universal é o papel da mulher que cria além do silêncio, com valores de sensualidade, intimi-

dade, criatividade, intuição, valores ecológicos, estética como ética do futuro.

A tecnologia como meio, trampolim, ponte deve trazer transformações para melhor qualidade de vida, exercício de valores espirituais, mais dignidade e respeito do papel e posição da mulher na sociedade. As inovações tecnológicas e as artes das mulheres têm uma intersecção a ser construída, no âmbito dos valores humanos e apropriação para maior dignidade em ser mulher num mundo tecnológico e cultural predominantemente masculino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLEN, J. S. A sincronicidade e o tao. São Paulo: Cultrix, 1993
- CAPRA, F. O ponto de mutação - a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1993
- CIAMPA, A. Identidade; in LANE, S. (org.). Psicologia Social: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FIORI, E. M. Educação e Política. Porto Alegre: LPM, 1991.
- HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1994.
- KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LAMAS, B. S. Mulher: processo criativo para além do biológico. Dissertação de mestrado em Psicologia social e da Personalidade - PUCRS - 1993.
- LAMAS, B. S. Processo Criativo Feminino. In CARDOSO, R. (org.) É uma mulher... Petrópolis: Vozes, 1994.
- LAMAS, B. S. Mulher artista: cidadã do universo? Revista Psicologia Ciência e Profissão - Conselho Federal de Psicologia nº 1, 2, 3 - ano 15, 1995.
- MORITA, A. Made in Japan - São Paulo: Cultura, 1986.
- REVISTA "ISTO É" nº 1364 (22/11/95)
- SEMINÁRIO de Renascença Organizacional e Educação de Adultos; do SEBRAE/RS - novembro/ 95 - mesa redonda com o professor Paulo Freire e com a psicóloga Fela Moscovici. Porto Alegre.
- THOMPSON, J. B. Ideologia e Cultura Moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VERJAT, A. El retorno de Hermes - hermeneutica y ciencias humanas. Anthropos: Barcelona, 1989.
- WEIL, P. Organizações e tecnologias para o terceiro milênio - a nova cultura organizacional holística. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.